

Hospital estuda novos métodos para diagnosticar a epilepsia

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

O Departamento de Neurologia do Hospital das Clínicas (HC) de São Paulo está aperfeiçoando novas técnicas para diagnosticar epilepsia. Um dos métodos permite registrar em vídeo, simultaneamente, as reações do paciente e seu eletroencefalograma durante as crises. "Outro exame facilita a localização do foco desencadeador das crises com ajuda de uma substância radioativa", diz a neurologista Elza Márcia Yacubian.

A partir da aplicação dos novos sistemas, os especialistas do HC puderam detectar também que atualmente centenas de pessoas tomam anti-epiléticos sem necessidade, em consequência de diagnósticos equivocados. É o caso do corretor de seguros R.M.S., de 23 anos, que usou medicamentos durante sete anos e só agora descobriu

que seu problema é psicológico e não neurológico.

As novas técnicas, explica Elza Márcia, permitem indicar com segurança a forma de terapia adequada a cada paciente. O tratamento para epiléticos varia desde o medicamento mais tradicional até a cirurgia para eliminação do foco.

Descargas — A epilepsia é um distúrbio cerebral provocado por descargas elétricas excessivas das células nervosas. Fatores congênitos, traumatismos de crânio e infecções do sistema nervoso central podem motivar a síndrome, mas em 50% dos casos as causas são desconhecidas. A convulsão é o sintoma mais comum. Durante as crises, o portador apresenta contrações musculares por todo o corpo e rosto.

Existem também as crises não convulsivas, como as de ausência. "O paciente fixa os

olhos e 'se desliga' por alguns segundos", esclarece a neuropediatra Maria Luiza de Manreza que, ao lado de Elza Márcia, coordena o Capítulo Paulista da Liga Brasileira de Epilepsia (LBE). "Este tipo de crise pode ocorrer várias vezes ao dia."

Maria Luiza conta que é comum médicos receitarem antiepiléticos logo após uma convulsão. A tendência atual, alerta, é não medicar de imediato porque pelo menos 30% das crianças que têm a primeira crise não terão a segunda. Mesmo em casos de epilepsia comprovada, a síndrome pode desaparecer com o amadurecimento das células nervosas, anuncia. Mas todo o cuidado é pouco. Os pacientes jamais poderão suspender o medicamento por conta própria. Qualquer alteração será determinada pelo especialista, após investigação profunda e acompanhamento do caso.